

## Da ficção à realidade

RAUL PILLA

**R**EMONTEMOS com o pensamento mais de meio século da nossa história; volvamos ao Segundo Reinado. E imaginemos o imperador D. Pedro II no paço de Petrópolis, em dia da semana especialmente determinado para audiência dos membros do Parlamento. Chega à tarde, talvez, um pouco atrasado — cinco horas — um grupo de vinte deputados e senadores. Pouco antes, o imperador recebera uma atriz (só poderia ser uma grande atriz, uma daquelas artistas que elevam a cultura de um povo) e depois, cansado de tanta lida e enfastiado de tanto protocolo, se recolhera aos seus aposentos. E imaginemos mais, pois tal só poderia ser imaginado, imaginemos que o imperador, avisado da chegada dos visitantes, em vez de pedir-lhes esperassem alguns momentos, lhes mandasse dizer, pelo secretário, que não os poderia receber, embora, para serem recebidos, tivessem viajado quase duas horas.

Que aconteceria, então, se tal coisa fôsse possível no Império? No dia seguinte, toda a opinião estaria sublevada contra o monarca. Recrudesceriam as objurgatórias de republicanos, liberais e conservadores contra o que se chamava o seu poder pessoal. E o gabinete teria de dar amplas satisfações ao parlamento desconsiderado na pessoa de alguns dos seus membros, se é que, com êle solidário, não apresentasse ao imperador a sua demissão.

Estamos, porém, em pleno regime republicano. Há mais de sessenta anos que lhe estamos fruindo as inestimáveis vantagens. E a desconsideração a que não se abalançaria o soberano, alcandorado nas suas inigualáveis prerrogativas, foi infligida ao Congresso pelo presidente da República.

Que acontecerá agora? Nada. Os congressistas tragarão a afronta e continuarão a subir a serra, para levar ao presidente as suas homenagens e fazer-lhe humildemente as suas súplicas.